

Petróleo, Pernil e Protocolos: a Diplomacia do Nevoeiro



BOX DE FACTOS

- **Contexto:** acordos e “missões” com a Venezuela foram vendidos como salvação durante anos de crise.
- **Modelo:** exportações e contratos “pagos” por petróleo, com engenharia financeira e promessas políticas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- **KISCO:** cliente-Estado, moeda em queda, sanções e instabilidade — o pior cocktail para contratos longos.
- **O ponto moral:** quando a transparência falha, o país não cresce — apodrece devagarinho, em silêncio burocrático.

Petróleo, Pernil e Protocolos: a Diplomacia do Nevoeiro

Há países que fazem comércio. Nós, por vezes, fazemos liturgia: comitivas, fotografias, memorandos e promessas — e depois o dinheiro desaparece para o mesmo sítio onde cai a responsabilidade.

Vamos ser claros, para não sermos apenas furiosos: entre a diplomacia económica e a corrupção existe uma zona cinzenta onde Portugal gosta de fazer campismo. Não é a cor do partido — é a cor do método. E o método, tantas vezes, é simples: **um Estado abre portas, um punhado de empresas entra, uma narrativa épica é escrita, e**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

cofres... e apaga recibos

A política adora romances. Quando dois líderes se tratam por nomes próprios e se riem para as câmaras, nasce logo o mito do “grande entendimento”. E com o mito, surge o contrato — muitas vezes anunciado com euforia e cifrões a brilhar. O problema é que **o contrato vive no papel**, mas a **contabilidade vive no mundo**, e o mundo é menos fotogénico.

O Estado-cliente: quando o risco não é um detalhe, é o coração do problema

Fazer negócios com um Estado que compra, paga e manda — sobretudo quando esse Estado está preso à volatilidade do petróleo, a controlos cambiais e a turbulência política — é como construir uma casa em cima de areia com promessa de maré baixa eterna. Pode aguentar um Verão. Um dia. Um mandato. Mas a maré volta sempre.

Do Magalhães às casas: a grande ópera do “vai correr bem”

Houve projectos que foram apresentados como símbolo de modernidade, exportação de talento, “marca Portugal” e até

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

sorriso.

E aqui entra o ponto que dá comichão: quando surgem relatórios, comissões, suspeitas, investigações, a resposta institucional raramente é “vamos esclarecer tudo até ao último cêntimo”. É mais “vamos gerir a comunicação até ao último minuto”. É o país do **parecer**, com alergia ao **ser**.

O pernil: a metáfora perfeita do país

O pernil foi rei — e isto não é poesia, é ironia histórica: um produto natalício a subir a exportação principal para um mercado que, de repente, deixa de pagar. E então? Então o milagre transforma-se em lamento. O problema não é vender pernil. O problema é vender futuro com a mesma lógica com que se vende um folheto de supermercado: “promoção limitada ao stock e à boa vontade do regime”.

O truque mais antigo: quando dá certo, é génio; quando dá errado, é azar

Se corre bem, há conferências, palmas, cartazes e auto-elogio patriótico. Se corre mal, aparece a palavra mágica: “**contexto**”. E o contexto, em Portugal, é uma espécie de oceano onde se afogam responsabilidades. “Contexto” é o

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Provar, prova-se em tribunal, com factos, contraditório e sentença. E isso é importante dizer com honestidade. Mas há outra pergunta — e essa é política e civilizacional: **isto é sério?** Um país sério não vive de euforias, nem confunde diplomacia com opacidade, nem aceita que “milhões por executar” sejam apenas um parágrafo num artigo.

Epílogo: a factura não desaparece — muda apenas de bolso

No fim, a história raramente tem o dramatismo cinematográfico que desejamos. Não há sirenes, não há grandes confissões, não há a catarse moral do “agora sim”. Há apenas a vida real: empresas com contas por receber, projectos suspensos, promessas arquivadas, e um país que aprende pouco, porque tem medo de aprender a sério — aprender implica reformar, e reformar implica tocar em gente que não gosta de ser tocada.

E assim vamos: entre o petróleo que “pagava”, os protocolos que “garantiam”, e a transparência que “logo se vê”. O problema de Portugal não é ter comércio com o mundo. É ter **nevoeiro como política pública**. E no nevoeiro, os vigaristas não precisam de correr: basta-lhes caminhar devagar, que ninguém os vê.



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.

estrutura e afinação estilística

[leia]



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)